

PRIMEIRA PARTE

Capítulo primeiro

Em 15 de Setembro de 1840, pelas seis da manhã, o *Ville-de-Montereau*, prestes a partir, lançava grossos rolos de fumo em frente do cais Saint-Bernard.

As pessoas chegavam ofegantes; barricadas, cabos, cestas de roupa atravancavam a circulação; os marinheiros não respondiam a ninguém; andava-se aos encontrões; os fardos eram içados entre os dois tambores, e a balbúrdia era absorvida pelo estrépito do vapor que, escapando-se pelas placas metálicas, tudo envolvia numa nuvem esbranquiçada, enquanto o sino, na proa, tilintava ininterruptamente.

Por fim, o navio partiu; e as duas margens, povoadas de armazéns, de obras em construção e de fábricas, desfilaram como duas largas fitas que se iam desenrolando.

Um jovem de dezoito anos, de cabelos compridos e com um álbum debaixo do braço, mantinha-se perto do leme, imóvel. Através do nevoeiro, contemplava campanários e edifícios cujos nomes desconhecia; depois abarcou, num derradeiro olhar, a ilha Saint-Louis, a Cité, Notre-Dame; e, tendo desaparecido Paris do seu horizonte, soltou um grande suspiro.

O Senhor Frédéric Moreau¹, que tinha recentemente concluído o curso do ensino liceal, regressava a Nogent-sur-Seine, onde devia morrer de tédio durante dois meses, antes de ir *fazer o seu direito*. A mãe dera-lhe o dinheiro necessário para se deslocar ao Havre visitar um tio, de quem esperava que ele recebesse a herança; só tinha chegado a Paris na véspera e compensava-se de não poder ficar mais tempo na capital, voltando a casa pelo caminho mais longo.

O tumulto acalmava-se; todos se haviam acomodado nos seus lugares; alguns, de pé, aqueciam-se em torno da máquina, e a chaminé cuspiam, com um estertor lento e rítmico, o seu penacho de fumo negro; das peças de cobre es-

corriam gotinhas de orvalho; o convés estremecia sob uma pequena vibração interior, e as duas rodas, girando rapidamente, faziam remexer a água.

As margens do rio eram arenosas. Viam-se jangadas de madeira que ondulavam sob o redemoinho das vagas, ou então, num barco sem velas, descobria-se um homem sentado a pescar; depois as brumas errantes dissiparam-se, o sol apareceu, a colina que acompanhava à direita o curso do Sena abaixou-se, e surgiu uma outra, mais próxima, na margem oposta.

Árvores coroavam-na por entre casas baixas com telhados à italiana, com jardins em declive divididos por muros novos, gradeamentos de ferro, relvados, estufas quentes e vasos de gerânios, distribuídos regularmente pelas varandas, que convidavam a observar a paisagem. Muitos, ao verem estas graciosas residências, tão calmas, desejavam ser seus proprietários, para lá viverem até ao fim dos seus dias, com um bom bilhar, uma chalupa, uma mulher ou outro sonho qualquer. O prazer totalmente novo de uma excursão marítima² facilitava os devaneios. Entretanto os folgazões começavam com brincadeiras. Muitos cantavam. Estavam alegres. Esvaziavam-se copos, atrás de copos.

Frédéric pensava no quarto que iria ocupar, no plano de um drama, em temas para quadros, em paixões futuras. Achava que a felicidade merecida pela excelência da sua alma tardava a chegar. Declamou para si próprio versos melancólicos; caminhava pela coberta com passos rápidos; avançou até à extrema que ficava do lado do sino; e, numa roda de passageiros e de marinheiros, viu um cavalheiro que fazia galanteios a uma camponesa, enquanto lhe ia mexendo na cruz de ouro que ela trazia ao peito. Era um homen-zarrão de uns quarenta anos, de cabelos crespos. A sua constituição robusta enchia uma jaqueta de veludo negro, duas esmeraldas brilhavam-lhe na camisa de cambraia, e as calças largas, brancas, caíam sobre umas extravagantes botas vermelhas, de couro da Rússia, adornadas com desenhos azuis.

A presença de Frédéric não o incomodou. Voltou-se para ele várias vezes, interpellando-o com piscadelas de olho; a seguir ofereceu charutos a todos os que o rodeavam. Mas, provavelmente aborrecido com a companhia, foi postar-se mais longe. Frédéric seguiu-o.

A conversa versou inicialmente sobre as diferentes espécies de tabaco, e depois, muito naturalmente, sobre as mulheres. O cavalheiro das botas vermelhas deu conselhos ao jovem; expunha teorias, contava anedotas, citava-se a si próprio como exemplo, debitando tudo isto num tom paternal, com uma ingenuidade de perversão divertida.

Era republicano; tinha viajado, conhecia o interior dos teatros, dos restaurantes, dos jornais, e todos os artistas célebres, que tratava familiarmente pelos nomes próprios; pouco tempo depois, Frédéric já estava a confiar-lhe os seus projectos e ele encorajou-os.

Mas interrompeu-se para observar o cano da chaminé, e começou a resmonear à pressa um cálculo que parecia nunca mais acabar, a fim de saber

«quanto cada pancada de êmbolo, a tantas vezes por minuto, devia, etc.». E, achada a soma, pôs-se a admirar atentamente a paisagem. Dizia-se feliz por ter feito uma escapadela dos negócios.

Frédéric sentia um certo respeito por ele, e não resistiu ao desejo de lhe perguntar o nome. O desconhecido respondeu de um fôlego:

— Jacques Arnoux, proprietário do *Art Industriel*, bulevar Montmartre.

Um criado com um galão dourado no boné veio dizer-lhe:

— O Senhor podia fazer o favor de ir lá abaixo? A Menina está a chorar. Desapareceu.

O *Art Industriel* era um estabelecimento híbrido, que incluía um jornal de pintura e uma loja de quadros. Frédéric já tinha visto esse letreiro várias vezes, na montra do livreiro da sua terra natal, em prospectos enormes, onde o nome de Jacques Arnoux aparecia em grandes parangonas.

O sol dardejava a prumo, fazendo reluzir os aros de ferro em torno dos mastros, as placas do filerete e a superfície da água; esta dividia-se à proa em dois sulcos, que se desenrolavam até à beira dos prados. Em cada curva do rio, via-se a mesma cortina de pálidos choupos. O campo estava completamente vazio. Havia no céu pequenas nuvens brancas paradas, e o tédio, vagamente espalhado no ar, parecia adormecer a marcha do barco e tornar o aspecto dos viajantes ainda mais insignificante.

À parte alguns burgueses, da primeira classe, os passageiros eram operários e lojistas com mulheres e filhos. Como então era hábito, vestiam-se miseravelmente em viagem: quase todos usavam velhos barretes gregos ou chapéus desbotados, pobres fatos escuros, coçados de roçarem nas secretárias, ou sobrecasacas com as casas dos botões abertas por terem sido excessivamente usadas no armazém; aqui e ali, uma ou outra camisola decotada deixava ver uma camisa de pano-cru, maculada de café; alfinetes de crisócalo estavam espetados em gravatas esfarrapadas; presilhas cosidas seguravam chinelos de ourelo; dois ou três malandretes com bengalas de bambu com castão de couro lançavam olhares de esguelha, e os chefes de família esbugalhavam os olhos, fazendo perguntas. Conversavam de pé ou acocorados em cima das bagagens; uns dormiam pelos cantos, outros comiam. A coberta estava suja de cascas de noz, pontas de charuto, cascas de peras, restos de charcutaria embrulhada em papel; três marceneiros, de bata, estavam parados em frente da cantina; um tocador de harpa, esfarrapado, descansava, apoiado ao instrumento; ouvia-se, de vez em quando, o barulho do carvão de terra na fornalha, uma gritaria, uma risada; e o comandante, na passarela, caminhava incessantemente de um tambor para outro. Frédéric, para voltar ao seu lugar, empurrou o portão da primeira classe, incomodando dois caçadores e os seus cães.

Foi como que uma aparição.

Estava sentada, no meio do banco, completamente só ou, pelo menos, ele não se apercebeu de mais ninguém no deslumbramento que os seus olhos lhe transmitiram. No momento em que passava em frente dela, a mulher le-

vantou a cabeça. Ele curvou involuntariamente os ombros e, quando se foi pôr mais longe, mas, do mesmo lado, observou-a.

Tinha um largo chapéu de palha, com fitas cor-de-rosa que, por detrás dela, palpitavam ao vento. Os bandós negros, que lhe contornavam a ponta das longas sobranceiras, estavam muito descaídos e pareciam comprimir amorosamente o oval do rosto. O vestido de musselina clara, salpicado de pintinhas verdes, espalhava-se num plissado abundante. Estava a bordar qualquer coisa; e o nariz direito, o queixo e toda a sua pessoa se recortavam no fundo do ar azul.

Como ela mantivesse a mesma atitude, ele deu várias voltas de um lado para o outro para dissimular a sua intenção; depois, foi pôr-se muito perto da sombrinha, encostada ao banco, e fingiu observar uma chalupa no rio.

Nunca tinha visto um esplendor como o daquela pele morena, como a sedução daquela cintura, nem como a delicadeza daqueles dedos que a luz atravessava. Olhava para o cesto de costura com assombro, como se fosse uma coisa extraordinária. Quais seriam o nome, a morada, a vida, o passado dela? Sentia desejo de conhecer os móveis do seu quarto, todos os vestidos que usara, as pessoas com quem convivia; e o próprio desejo da posse física desaparecia sob uma vontade mais profunda, numa curiosidade dolorosa que não tinha limites.

Uma negra, de lenço na cabeça, surgiu, com uma garotinha pela mão, já crescida. A criança, com os olhos cheios de lágrimas, tinha acabado de acordar. Ela sentou-a nos joelhos. «A menina não tinha juízo, já estava quase com sete anos; assim a mãe já não gostava dela; não lhe deviam perdoar todos os caprichos». E Frédéric alegrava-se ao ouvir estas coisas, como se tivesse feito uma descoberta, uma aquisição³.

Imaginava-a de origem andaluza, talvez crioula: teria trazido consigo das ilhas aquela negra?

Entretanto, reparou num xaile comprido de franjas violetas que estava por detrás das costas dela, sobre o parapeito de cobre. Devia tê-lo usado, muitas vezes, no meio do mar, durante as noites húmidas, para lhe acariciar o corpo, para lhe tapar os pés e para adormecer no seu aconchego! Mas, arrastado pelas franjas, o xaile escorregava a pouco e pouco, ia cair à água. Frédéric deu um salto e apanhou-o. Ela disse-lhe:

— Muito obrigada, Senhor.

Os seus olhos encontraram-se.

— Mulher, já estás pronta? — gritou o Senhor Arnoux, aparecendo no anteparo da escadaria.

A Menina Marthe correu para ele e, pendurando-se-lhe ao pescoço, puxava-lhe os bigodes. Ouviram-se os sons de uma harpa, a criança quis ver a música; e logo de seguida o tocador do instrumento, trazido pela negra, entrou na primeira classe. Arnoux reconheceu-o como um antigo modelo; tratou-o por tu, o que surpreendeu os assistentes. Por fim, o harpista

atirou os cabelos compridos para trás das costas, estendeu os braços e pôs-se a tocar.

Era uma romança oriental, onde se falava de punhais, flores e estrelas. O homem esfarrapado cantava-a com uma voz mordaz, enquanto os batimentos da máquina cortavam a melodia nos momentos menos indicados; dedilhava com mais força; as cordas vibravam, os sons metálicos pareciam exalar soluços e como que o lamento de um amor orgulhoso e vencido. Dos dois lados do rio, arvoredos inclinavam-se até à borda da água; passava uma corrente de ar fresco. A Senhora Arnoux olhava para longe, de um modo vago. Quando a música parou, mexeu várias vezes as pálpebras, como se saísse de um sonho.

O harpista aproximou-se deles, humildemente. Enquanto Arnoux procurava dinheiro trocado, Frédéric estendeu para o boné a mão fechada e, abrindo-a com pudor, depositou um luís de ouro. Não era a vaidade de fazer boa figura que o levava a dar esta esmola diante dela, mas um pensamento de bênção a que a associava e um impulso de altruísmo quase religioso.

Arnoux, indicando-lhe o caminho, convidou-o cordialmente a descer. Frédéric afirmou que tinha acabado de almoçar, mas a verdade é que morria de fome e já não tinha um único cêntimo no bolso.

Em seguida, pensou que tinha tanto direito como outro qualquer a estar no salão.

Em torno das mesas redondas, comiam burgueses e circulava um empregado de café; o Senhor e a Senhora Arnoux estavam ao fundo, à direita; ele sentou-se na comprida banqueta de veludo e apanhou um jornal que por ali se encontrava.

Deviam, em Montereau, tomar a diligência de Châlons. A sua viagem à Suíça duraria um mês. A Senhora Arnoux censurou o marido pela sua fraqueza em relação à filha. Ele segredou-lhe decerto uma graça qualquer, porque ela sorriu. Depois, levantou-se para fechar o cortinado da janela que ficava por detrás dela.

O tecto, baixo e todo branco, difundia uma luz crua. Frédéric, na sua frente, distinguia-lhe a sombra das pestanas. Ela molhava os lábios no copo, partia um pouco de côdea entre os dedos; o medalhão de lápis-lazúli, enfiado numa pulseira de ouro, tilintava de vez em quando de encontro ao prato. Os outros comensais, porém, não pareciam dar por nada.

Algumas vezes, pelas escotilhas, via-se deslizar o flanco de uma barca que acostava ao navio para tomar ou largar passageiros. As pessoas sentadas à mesa debruçavam-se para as vigias e iam dizendo o nome das terras ribeirinhas. Arnoux queixava-se da cozinha: ficou furioso com a conta que lhe apresentaram e exigiu que lha reduzissem. Depois, levou o jovem para a proa do barco para beberem uns grogues. Mas Frédéric depressa regressou ao toldo, para onde a Senhora Arnoux tinha voltado. Estava a ler um volume fininho de capa cinzenta. Os dois cantos da boca erguiam-se por mo-